

# A canoa e o rio da palavra

Lorenzo Papette (Bologna – Itália)

## Margens da estória

Em *A terceira margem do rio*, o acontecimento principal, o facto ao redor do qual se desenrola o tema da novela, o movimento gerador da *estória* é o gesto definitivo com o qual um pai se afasta da família, sem ir para qualquer lugar. Mais correctamente, ele vai “*para nenhuma parte*”, para um “não-lugar” do qual parece estar decidido a não mais voltar. Trata-se dum pai normal, duma pessoa normal, com uma família normal: tudo no texto tem conotações ligadas a modelos tradicionais. Não há nada de anómalo, nada que prodromicamente faça pressagiar um acto de abandono. A primeira anomalia que se verifica na vida da família, e de todo o contexto social, é a construção duma canoa que prelude o seu inapelável zarpar. Suspenso na corrente, o pai suspende e transforma os pessoais laços de parentesco, suspende a própria vida num gesto que não encontra justificações, ou razões compreensíveis. Ele nunca falará e as palavras ficarão sempre na boca dos outros, ficando à escuta, voltado para a sua própria interioridade, ou para um exterior que sem vínculos nem limites. É o seu gesto, a sua acção dramática e de ruptura que fala por ele. Ele que se torna numa coisa só com o rio e com a canoa; ele que se torna fluido, quase incorpóreo, que desaparece e reaparece, às vezes mudado, mas é sempre ele. Como a água que é sempre diferente, mas é sempre um rio. O pai liga-se à água e por meio desta passa para a outra margem, transformando-se em mistério e, no final, torna-se num estranho abandonado por todos os outros que não podem ficar à espera de algo que não compreendem, de quem deixaram de compreender. Somente o filho mais velho fica à espera mas parece estar mais à espera de si mesmo e duma sua decisão, do que do pai de quem sente que teria que assumir a herança espiritual. O pai está sempre ali, muito perto, todavia tão diametralmente distante. Há um processo de afastamento entre as personagens: o pai começa a entranhar-se numa dimensão desconhecida e o seu afastamento é fruto duma pesquisa, dum agir. Pelo contrário, os outros afastam-se dele, devido à própria incapacidade do compreender, do alcançar no seu caminho, mas também se afastam deles mesmos e da vila onde moravam. As outras personagens ficam agarradas a uma das margens, avançam para o interior virando as costas à possibilidade da terceira, alternativa margem que não conseguem perceber ou da qual não sentem a necessidade. Pai, filho, irmã, mãe, parentes, camponeses, homens do jornal: não há nomes próprios em todo o conto. Não há espaço para a individualidade: a esteira da canoa é um rastro a seguir; assim como a terceira margem é de igual forma a busca duma identidade ainda desconhecida.

A *Terceira margem do rio* é o conto mais famoso, talvez aquele de maior intensidade, mas sem dúvida alguma o mais críptico de “Primeiras estórias”. A partir deste conto é possível delinear várias interpretações, e é nele que mais forte é o estranhamento entre o desenrolar da estória e a percepção da existência de algo mais, de fundamental por entre ou mais além das linhas. Este fugir do sentido profundo do texto é a condenação dos leitores, mas é também o único ensino que se pode colher, deixando-nos presos àquela única realidade, incluída entre as duas margens: o facto de estarmos conscientes da presença de algo que ainda temos que procurar para poder compreender e nos entender.

### **Calado no rio**

No texto, a dimensão geográfica está pouco definida: o elemento central é o rio, que também é personagem sem nome. Como veremos trata-se dum componente fundamental já que está sempre subentendida a sua presença, a sua imutabilidade. Todavia, este fazer parte do quotidiano, da vida das personagens, este facto de ser um elemento de reconhecimento, de certeza e de confiança, passará por uma transformação radical no momento em que de lugar físico familiar, se tornará num “não-lugar”, num mistério e, talvez, num caminho de conhecimento impérvio<sup>1,2</sup>. O entregar-se do pai às águas e o seu silêncio reportam a mitos bíblicos e a temáticas místico-religiosas, sendo as águas interculturalmente ligadas à sacralidade e a forças tão geradoras como purificadoras. Simbólico e relevante é o mesmo início do texto: “*Nosso pai*” – expressão que o narrador empregará por toda a novela para se referir ao pai – imediata alusão ao “Pai Nosso” das orações. Ecos religiosos emergem também da presença de elementos e imagens formando tríades: rio/pai/filho; divino/humano/natural; corpo/mente/espírito; terra/céu/água<sup>1,2</sup>.

Algo do qual não é possível eximir-se, uma obrigação moral elevada e inelutável parece chamar esta personagem de Rosa (e isso lembra a chamada dos escolhidos), a qual na sua canoa “deixa-se navegar” para sempre pelo rio. É provável que o gesto cumprido quase friamente, sem fornecer explicações e sem aparentes mudanças de opinião ou dúvidas, típico de quem se encontra num estado de exaltação mística, não seja outra coisa do que a tentativa de procurar e talvez de encontrar uma realidade diferente, mas aparentemente não completamente afastada ou oposta àquela abandonada. O mundo da família, da vila, da vida quotidiana, não pode ser abandonado, abjurado, mas tem que ser integrado numa outra dinâmica de papéis, tem que ser recontextualizado, reconsiderado dum ponto de vista diferente e mais alto. Deve haver quem possa sacrificar-se pela salvação, neste caso a compreensão dos vários fluíres do mundo, colocando-os no interior dum fluir universal. Eis o motivo do afastamento, do isolamento: é mais fácil ver e tentar compreender observado ao longe ou, até mesmo, talvez recordando.

O aspecto sacro-religioso da água é só uma das pistas, mas esta permite-nos entender melhor a complexidade desta *estória*, provavelmente a menor *estória* de todas as novelas do livro, pois nela

há um acontecimento concreto e estranhante que envolve diversas personagens e ambientes, não somente o pai e o filho, as duas personagens-chave, como também o resto da família, dos amigos, dos moradores, dos jornalistas...

Eliminada drasticamente por todos a hipótese da loucura, o papel quase sagrado do pai, é aquele mais espontâneo a surgir nas pessoas que, na sua dificuldade de compreender, se descobrem ao mesmo tempo admirados e incapazes de condenar ou de relegar a facto menor o acontecimento. A hipótese de que o pai tenha recebido uma forma de anúncio do iminente dilúvio universal e que teriam sido mensagens divinas a induzi-lo a tal viagem para o não-lugar, é insustentável. Não é pensável que ele tenha agido num sentido tão egoístico - isolar-se para se salvar sozinho não pode ter sido o papel escolhido: este tem que trazer a salvação para os outros ou então tem de os levar até ela. O pai, na solidão da sua canoa, não leva ninguém e não parece ocupar-se do sobreviver em algo terreno, vive simplesmente, sem se mostrar mas deixando a sensação da presença de algo, como a canoa que deixa atrás de si uma esteira de sentido que, no momento está inacabado ou obscuro, mas não por isso mesmo completamente invisível. O pai está a lutar contra algo que os outros ainda não podem alcançar, dá o exemplo até que alguém comece a percebê-lo e a apoiá-lo.

O rio está também ligado ao seu fluir, ao movimento contínuo da sua corrente, dinâmica do eterno tornar-se. A sua evidente centralidade, a sua força sagrada e sensual, revelam elementos dum conjunto mais complexo, constituído por aquela parte de terra que forma as beiras, contraposta ao rio pelo estatismo, mas que ao mesmo tempo se pode dilatar até o conter. As margens delimitadas pelo rio correspondem à terra onde este pode escorrer, onde a separação é só aparente: o rio delimita, separa ou junta, depende do ponto de vista. A canoa e seu navegador são talvez a terceira margem, uma alternativa, um diferente olhar. Novo aproamento móvel e flexível, capaz de criar um epicentro de sentido, de subverter papéis e de fazer perguntas implícitas e inquietantes sobre a identidade e o carácter canónico das margens. Cada margem, por mais próxima ou longe que esteja, alude ou precisa sempre dum para além e dum aquém. Lá e cá: lugares de confronto, lembrança, diversidade e também de reconhecimento. Eis porque o pai tem que ficar à espera: deve continuar a encarnar com a sua canoa a terceira margem. Ele não tem outra possibilidade, naquele momento, de integrar, num processo de reciprocidade, o fugaz sentido de identidade de quem, visto da distância dum não-lugar, parece incapaz de se reconhecer no próprio destino, a saber: ser, em sentido amplo, habitante da mesma margem, da mesma língua, da mesma diversidade: a humanidade.

### **Sentidos alternantes de viagem**

Viajar é uma temática amada pelo autor, come se a viagem fosse uma maneira para sair dum círculo vicioso e chegar a um centro, um fulcro do qual se debruçar em equilíbrio sobre os abismos dos sentidos, numa tentativa de mudança, pelo menos, do ponto de vista. Viagem pela

existência, dédalo impérvio e emaranhado no qual, todavia, quem possui a coragem de entrar, independentemente do percurso escolhido, será premiado já pelo facto de ter manifestado a vontade e a consciência de agir sobre si próprio, e a própria realidade monodimensional. A terceira margem é algo que ainda não conhecemos, que não conseguimos ver ou tocar, mas ao qual necessariamente temos que ambicionar. O afastar-se do pai e partir, mais que uma fuga, é uma suspensão, uma transformação, uma mudança de estado e de dimensão. A condição de habitante da terra deixa de se adequar, deixa de ser suficiente. No seu ficar suspenso, no seu tirar-se para fora dos esquemas habituais existe toda a força dum gesto revolucionário com o qual ele quer mudar-se si mesmo, e por meio do qual tende a mudar todos os que estão à sua volta, e talvez mesmo tudo o que está ao redor dele. O seu gesto de ruptura, pelo menos inicialmente, provoca um choque, um afastamento em relação ao fluir comum das coisas, mas não é só isto: este novo estar, ser uma coisa só com o rio, é gesto de sabor avanguardista (*"Aquilo que não havia, acontecia"*), laceração da tela atrás da qual agora é lícito olhar. Trata-se de uma forma voluntária de marginalização, um heterogéneo isolamento que reage de maneira biunívoca, marginalizando seja quem parte, seja quem fica: uma violenta chicotada anticordial. Todas as personagens ficam suspensas, entre os seus mundos e o rasgão sobre a alteridade aberto pelo pai. Todos farão no final uma escolha que os reintegrará na própria margem tradicional e só o filho continuará a questionar-se sobre as próprias escolhas. Apesar disso, ele também ficará na mesma margem de sempre mas não em equilíbrio, mais desequilibrado, consciente da possibilidade de cair ou de se lançar para algo diferente. O filho ficará sempre suspenso entre o medo daquilo que não compreende o alcance, entre presente e passado, entre lembranças de antes e a vontade de agora que sempre lhe foge, perpetuamente suspenso sobre um futuro onde não soube deitar-se.

Movendo-se pelo rio o pai parece deslocar o seu agir numa dinâmica diferente, ele passa duma dimensão meramente terrena para outra claramente mais metafísica; duma dimensão rígida e fixa para uma fluida e em contínuo movimento. Este isolamento não é interpretável como uma passagem das dinâmicas do agir àquelas da contemplação e da escuta. O aspecto contemplativo-meditativo é, com certeza, evidente, mas não é o único e seria demasiado redutivo parar aqui a interpretação da sua acção. O infinito silêncio do pai é o extremo remédio aos limites das palavras, significa conseguir pôr em realce o sentido do indizível. O mesmo gesto de abandonar a terra firme é, em si, uma acção fundamental e constitutiva cujos efeitos ameaçam as certezas de quem ficou a olhar para ele, a tentar entendê-lo; é um acto concretamente revolucionário. Na trágica coerência do seu agir podemos apreciar o reflexo dum complicado mas essencial jogo, que muda a ordem das coisas, transforma o aspecto e mina a existência ilusória destas, torna as coordenadas temporais emaranhadas, confusas, provavelmente inúteis. O fluir do rio refere-se ao deslizar do tempo mas, neste caso, sem estabelecer uma direcção certa, única. Não é claro se o presente do pai corresponde ainda àquele de quem estava à sua volta, com quem ele partilhava o

quotidiano. Ele próprio já não está, ou pelo menos exclusivamente, no presente; está constante e invariavelmente num futuro que é capaz de se alimentar daquele passado comum às outras personagens. Mas este futuro pertence à dimensão fluida do ser tudo no mesmo instante: perto e longe, problema e solução, mistério e revelação, além do espaço e do tempo. Isso, em parte, explica a lonjura aparentemente inconciliável com o mundo abandonado das duas margens e ao mesmo tempo a impossibilidade de se afastar completamente delas: ele é o que era, o que sempre foi, mas também algo já totalmente diferente, que pode existir e perpetuar no imaginário e na memória das outras personagens só por meio da recordação. Isso pode explicar porquê o seu aparecimento ao filho, após tanto tempo - a possibilidade duma reaproximação entre os dois, de aceitar de ocupar o seu lugar na direção da terceira margem – é vivido pelo primogénito como um trauma. A visão do pai, o seu retorno da dimensão da memória àquela do presente, este seu emergir, é vivido como a acção inquietante dum espectro que quer superar as barreiras da fisicidade gerando um medo profundo e não imaginado, de frente ao qual só resta a fuga, o rendimento, o remorso (*Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. [...] E eu tremi, [...] Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além*)

Assim, é o filho que parece mais ligado a uma dimensão contemplativa na qual é o pai o objecto da sua contemplação, da sua busca; mas enquanto o segundo está projectado para dimensões universais e desconhecidas, o primeiro permanece na margem ancorado a dimensões locais e definidas que se abrem para uma realidade desoladora (*Eu permaneci, com as bagagens da vida. [...]esta vida era só demoramento*). O filho manifesta toda a sua fragilidade e desconcerto diante dos dois elementos fundamentais da sua existência que até então eram pontos de referência do seu quotidiano – a figura paterna e o rio – e que repentinamente começam a flutuar, vacilar, que subitamente adquirem *nuances* de irrealidade, e tornam-se obscuros: deixam de ser bases certas, mas tornam-se fonte de dúvidas, tão próximas do coração e da memória e todavia tão diversas dele e da sua história. As certezas da vida social e racional desvanecem no absurdo, no surreal: pai e rio mudam, transformam-se e transformam papéis, ficções, relações, comportamentos, arrastando-os à esfera do sobrenatural, do estranho, da incerteza, do misterioso<sup>1,2,3</sup>. O filho, ligado estruturalmente àquela rotina que o mantém longe da dimensão do agir paterno, ainda precisa das duas margens clássicas para poder orientar-se, e é por ele, como por todos os outros, que o pai busca e interpreta o mistério, o enigma da terceira margem.

Apenas aparentemente o pai inicia a viagem de maneira repentina. Ele, na verdade, demonstra uma certa planificação; é a família que se descobre impreparada perante a partida dele.

Vale a pena ressaltar desta viagem a falta quase absoluta de quaisquer formas ou vontade de retorno ( a única possibilidade dada não se realiza porque contrariamente se chegaria à solução do mistério). A força do gesto é dada pela partida e pelo viajar, talvez pela hipotética exigência de ser seguido, mas jamais pela vontade de voltar enriquecido pela experiência vivida para poder agir

novamente e com energias renovadas sobre o mundo anteriormente abandonado, como preveriam as clássicas dinâmicas metafóricas da viagem. Não há *nostos*, não há retorno ou nostalgia, não há uma segunda intenção. Há um gesto constitutivo, realizado por si mesmo.

A viagem do pai é uma viagem do ser (aqui e agora), do *eu sou*: algo de novo, de diferente. Não se trata duma viagem na qual se adquiram experiências, não há sequer um afastamento dos deveres sociais ou familiares, nem, obviamente, uma procura de distração, mas um corte, uma fractura com as ligações antigas para se poder consagrar plenamente a um novo, cósmico dever. Ele é totalmente na aventura duma experiência única, fora de canónicos esquemas espaciais e especialmente temporais. O mistério reside naquele estar no rio, não há um sentido que tenha que ser apanhado e levado à beira; o sentido, justamente, é estar no rio, ser o rio, está no ser algo de novo naquela nova dimensão. Este novo ser, esta forma de representar, de se elevar a símbolo, é ser a terceira margem, a qual por meio do símbolo pode pensar de se tornar concreta. Por este motivo, não pode haver retorno, ou, para que haja, esse tem que pressupor uma troca, a substituição do pai pelo filho, e assim para sempre, pelo menos até quando a terceira margem não se torne um ponto de vista comum, elemento universalmente compartilhado e de consolidação entre mundos remotos.

O tema da viagem é uma constante na obra de Guimarães Rosa e, particularmente, na forma apresentada nesta novela, é a metáfora perfeita da vida, da existência, do futuro, da mudança e da procura. Neste sentido, a associação com o elemento rio, enquanto água geradora de vida e numa viagem perpétua, cria uma sinergia simbólica luxuriante e continuamente capaz de gerar outras imagens, outras metáforas. O pai-rio, o rio-texto (ou o texto-rio), a língua húmida que lambe a terra e o céu, o escorrer do tempo, o mistério: tudo é um contínuo tornar-se e a viagem torna-se acto perfeito, concretamente iniciático. Na obra de Guimarães Rosa não existe limite para o decifrar e o decifrável a descoberta fica à nossa espera com as suas surpresas e o leitor tem que acreditar e mudar de opinião, amar e apaixonar-se todas as vezes, no final e depois novamente.

### **Pai iniciado-iniciador**

A terceira margem é talvez uma contribuição metafísica e o pai torna-se, pelo seu agir, uma espécie de viajante-xamã, ponto de ligação entre diversos planos de realidade: o material terreno e o imaterial, mítico. A própria incorporeidade ou a sua mudada corporeidade está bem evidenciada (*cabeludo, barbudo, de unhas grandes... preto de sol e pelos, com o aspecto de bicho...*), as necessidades ou os padecimentos do corpo mudaram, tornaram-se indefinidos, envoltos num mistério ascético. A corrente do rio leva esta personagem-chave a navegar numa dimensão desconhecida e distante, mas é um afastamento longínquo que não é mensurável em termos físicos. O pai e o rio, o pai-rio, tornam-se porém também em entidades novas, demonstração ou fruto da mudança do ser, da essência iniciada e iniciática deles. Mais parece

que são os familiares e, em particular, o filho, em frente a uma prova iniciática. O pai, na verdade, tal como explicado antes, parece estar projectado para uma outra dimensão, muito longe do papel que tinha no núcleo familiar e social; ele é o único que parece ter compreendido, e por isso está já iniciado para uma vida nova, ficando, talvez, à espera que os outros o alcancem seguindo a sua rota, os seus rastros, ou, o mais inquietantemente, que o substituam e fiquem no seu lugar. O pai torna-se assim também na prova, na chave para interpretar o mistério de si próprio, no mistério que está a personificar; representa a ponte que permite a passagem e, no seu movimento, é como uma viagem e um viajador; dédalo, mas também fio para seguir; desafio e desafiador; elemento incompreensível, mas com a força atractiva e encantadora do exemplo. Como iniciado, o pai é depositário do revelável; ele está dentro do rio exactamente como o rio, o viajar, está dentro dele: ambos são parte dum do outro, elementos indissociáveis numa unidade. O pai com a sua canoa está “*solto solitariamente*” no rio; fez-se água corrente e este seu dissolver-se torna-se forma de liberdade. Ele está livre para se fundir no diverso, no estranho, objectivo conseguível só por meio duma separação que é mais forte e pungente quanto mais próxima, constantemente à frente de todos. O subtrair-se fisicamente à família significa também negar o direito desta de exercer uma forma de posse sobre uma figura-base como é aquela paterna; a dor da perda é evidente nos familiares e manifesta-se em termos de lembrança e saudade, de esperanças num retorno ao normal, ao tradicional estado das coisas. Mas é também uma dor gerada pela perda de controlo, de gestão desta figura, que chegará até ao extremo duma aceitação passiva da acção do pai que se aproxima da indiferença e do esquecimento: não se trata de esquecer a figura do pai, a pessoa amada, mas é uma recusa do seu novo, ampliado valor simbólico.

O autor das “*estórias*” diz que “*Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo*” e que, na complexa estratificação simbólica do texto, só o pai-rio, o pai-xamã parece efectivamente capaz de ver. A sua calma quase hierática e a sua firmeza contrapõem-se claramente à incerteza, à compaixão e à perturbação do narrador, dos outros familiares e, por osmose, do leitor; ficam todos assim longe da verdade, do milagre. O pai faz uma escolha irremovível, mantida até ao fim, mas todos os que não a aprovam e não a compreendem tentam, por um lado, racionalizar o acontecido, procurar explicações plausíveis e, ao mesmo tempo e por outro lado, nada fazem de concreto para a impedir. Há tentativas iniciais de persuasão, chamadas devido principalmente à preocupação pela saúde do pai e marido e pelo desejo de tê-lo ainda por perto mas, no fundo, não se encontra uma verdadeira busca, um esforço coordenado para perceber as razões íntimas e profundas dele. Não há condenações categóricas. Ninguém entre numa canoa para o apanhar e forçar a mudar de rota. Em todos parece estar conservada e até acrescida uma forma de respeito pelo pai e, assim, pela sua escolha; é este respeito que impede de o condenar definitivamente ou de prevaricar a vontade dele. Não há ninguém que o cesse de amar e estimar, todos mais ou menos concretamente tentam ajudá-lo, mostram compaixão, mas ao fim todos, excepto o filho, tentarão ultrapassar este facto, este trauma, e afastar-se-ão tomando caminhos diferentes porque

a vida deles (a única que podem perceber) continua (ou talvez fique parada) mas de modo contrário àquele contínuo andar do rio.

### **O filho: corpo e lembrança**

O filho é a personagem que mais sai esgotada da estória e é o único que num certo sentido admite a derrota e, ao fazê-lo, sofre e tolera mais dos outros a condição de não ter penetrado no mistério, de não ter sabido ler o milagre entre as sinuosidades do rio. Ele persegue uma busca de compreensão e, até ao fim, embora não conseguindo entrar no rio, permanece mais perto da margem; ele é o único de facto que mesmo que só por um instante, sente de o poder fazer, poder apanhar a herança dele. A voz narradora do conto é a memória do pai: o seu papel e a sua importância saem dos limites da estória para vir a ser interlocutor, substância e lugar de troca entre o texto e o leitor. Não pode ser definida a personagem principal, mas é aquela cuja humanidade estar colocada da melhor forma em relevo e o seu papel principal poderia ser o de criar uma perfeita contraposição com a figura paterna. O seu ficar e observar opõem-se duma maneira lacerante à experiência da viagem empreendida pelo pai, todavia as suas reflexões, as suas lembranças são o único modo que permite conhecer a acção fluvial-metafísica deste último. O filho é o narrador homodiegético mas este papel, esta dimensão, salientam continuamente e de modo cruel a forma do seu alheamento, a sua incapacidade de alcançar a estória, o gesto do pai. Mais uma vez aparece a dimensão do absurdo: quem nos conta o milagre escondido entre as ondulações das palavras, por este seu cargo, não pode conseguir vê-lo. A figura do filho é aquela que mais usa a palavra, é ele que dá voz ao rio-texto: aqui se compreende o surreal da sua missão que lhe exige por um lado de ser como o pai e por outro fornece-lhe os instrumentos que do mesmo o afastam. É evidente a dificuldade de quem, usando a palavra para contar e contar-se, tem que entrar no silêncio, no absoluto no qual é mergulhado o pai, onde a linguagem é só sentido e som de palavras que perde a sua fisicidade. Provavelmente, também nisso está a razão da sua falência ou, melhor, da extrema dificuldade de mudar a sua índole. Abandonar o papel de voz narradora, de memória, significaria abandonar o leitor, privá-lo daquele único ponto de apoio, daquela única certeza que o pode sustentar à espera da revelação do mistério. Eis então que só ao morrer o filho-narrador pode abandonar o corpo, seu e da palavra, porque terminou a sua função diegética, que acompanhou o leitor até ao extremo da sua existência como personagem: o seu fim, que corresponde realmente ao fim do conto, permite-lhe despedir-se do leitor na esperança que este se tenha apercebido do sentido a seguir e que possa prosseguir sozinho a sua busca. Aliás, ele vive esta sua existência de reflexo, de voz e memória, como um facto necessário. Nunca atribui a culpa ao pai, pelo contrário, é ele que vive com o sentimento de culpa, assume o seu papel com uma força e perseverança que faz lembrar muito aquelas manifestadas pelo pai com a *"invenção"* de deixar o mundo para se entranhar no devenir do rio. Mesmo vivendo



angustiadamente um sentido de derrota, ele apresenta a grandeza de quem sabe se render, mas conserva a vontade de lutar, de não se dar por vencido. Ele põe em dúvida a sua dignidade, mas evidenciando a sua cobardia (*Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa?; Sou o culpado de que nem sei; Sou homem, depois desse falimento?*) na verdade salienta e afirma a sua força, a sua tenacidade, o seu amor: a sua lúcida loucura, reflexo só parcialmente deformado daquela do pai. Ele sempre procurou favorecer o comportamento do pai e é o único que teve efectivamente a oportunidade de interromper a acção fluvial deste. Esta oportunidade porém resolve-se num breve momento; o único modo que vislumbra para chegar à solução do gesto do pai "*solto solitariamente*" no rio é substituí-lo, dissolver-se e como este recompor-se em outra substância, numa outra dimensão. Não terá coragem de o fazer ou, melhor, sentirá de não ter a consciência do sentido e da profundidade daquele agir. Esta falta, que não parece deixar marcas profundas, ou pelo menos tão dilacerantes no resto da família (senão na forma de seu aparentemente normal desmembrar-se), marca pesadamente o filho que fica esmagado pela própria impotência, pelo sentimento de culpa gerado pelo que ele vive como uma "falência", um falhanço, não só pessoal, mas extendido ao resto dos familiares, à sociedade, ao homem em geral. Ao fim de tão desesperado lutar, inclusivé contra a própria índole, o filho parece ficar sem nada, nem mesmo com a sombra duma esperança, aquela de ser compreendido.

O que resta é só o remorso, o sentimento de derrota, o peso duma herança identitária mal amadurecida, emaranhado corrupto de raízes católico-coloniais. Como se se sentisse um condenado, o filho pede um último desejo, o de ser deposto depois de morto, numa canoa pequena, "*numa canoinha de nada*" (aquela do pai, pelo contrário, era *especial... forte...própria para dever durar...*) e deixado ir no rio; um corpo imóvel na "*água que não pára*". Portanto, o filho só no final da sua vida terrena compreende a importância de entrar no rio, de fazer parte dele. Pelo menos, parece entender a importância de empreender a viagem mesmo sem saber onde esta o pode levar e quais serão os resultados. Somente morto poderá parecer-se com o pai-rio e, isso, com certeza, não será suficiente para o resgatar, todavia é a sua última, talvez única, conquista. O seu corpo de filho far-se-á parte integrante do corpo fluido do pai-rio, daquele corpo-corrente, corpo incorpóreo. Para chegar àquela "*parte de além*" que tanto o aterrorizara em vida, e que o pai tivera a intuição de buscar antes de todos, o filho teve que esperar estar "*no artigo da morte*", ele abandona-se ao rio deixando-lhe os seus restos terrenos. A força e o carácter poético deste último acto é considerável, mas emergem também os limites do gesto: por não conseguir dar a alma ao rio ele, no último sacrifício possível, oferece-lhe o seu corpo, corpo esgotado, esvaziado de vida, mas que contudo possui ainda um valor simbólico. Ele escolheu um caminho diferente, mas no final chegou àquela margem que abraça todas as outras num único plano universal e o seu gesto, embora sem a consistência quase sacrificial daquele paterno, mantém o poder dum gesto simbolicamente eficaz.

## Bibliografia

**Anna Vicentini de Azevedo:** *A partir de a terceira margem do rio: algumas considerações sobre transmissão em psicanálise* (<http://www.scielo.br/pdf/agora/v4n2/v4n2a05.pdf>)

**(2) Maestranda Rosângela Aparecida Cardoso:** *Sísifo na terceira margem do rio* (<http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/48/1641.pdf>)

**Davi Pessoa Carneiro:** *Veredas da Tradução: a tradução como percurso em “A Terceira Margem do Rio”, de Guimarães Rosa*

**Renan Damasceno:** *Margem da palavra-A terceira margem do rio* (<http://espacopinia.blog.com/search?q=terceira+margem+do+rio>)

**Marli Fantini:** *Guimarães Rosa, Fronteiras, Mergens, Passagens*, Ateliê Editorilal/Senac, São Paulo, 2004

**(3) Júlio César de Bittencourt Gomes:** *À margem do rio de Rosa: uma aproximação*

([http://triplov.com/letras/julio\\_gomes/rosa.htm](http://triplov.com/letras/julio_gomes/rosa.htm))

**(1) Silvana de Souza Koppe:** *As três miragens do rio: silêncio, linguagem e encantamento*

(<http://www.ufes.br/~mlb/multiteorias/pdf/SilvanadeSouzaKoppeAsTresMiragensDoRio.pdf>.)

**Luciana Steagagno Picchio:** *La letteratura brasiliana*, Sansoni, Milano, 1972; *Guimaraes Rosa: le sponde dell'allegria*, in *Strumenti Critici*, Anno IV, Febbraio 1970

**Ângela Prysthon:** *Estudos culturais brasileiros nos anos 90*

([http://www.ppgcomufpe.com.br/arquivos/PUBLICACAO/prysthon%20\(3\).pdf](http://www.ppgcomufpe.com.br/arquivos/PUBLICACAO/prysthon%20(3).pdf))

**Tatiana Alves Soares:** *A terceira margem do rio: um navegar de exclusão*

[http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ07\\_8.htm](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ07_8.htm))

**Iolanda Cristina dos Santos:** *memória e contemplação em a terceira margem do rio*

([http://209.85.135.104/search?q=cache:xg1432YY9\\_QJ:www.ciencialit.letras.ufri.br/encontro/IOLANDA%2520CRISTINA%2520DOS%2520SANTOS%2520-%2520MEM%25D3RIA%2520E%2520CONTEMPLA%25C7%25C3O%2520EM%2520A%2520T.d oc+terceira+margem+do+rio+Iolanda+Cristina&hl=it&ct=clnk&cd=1&gl=it](http://209.85.135.104/search?q=cache:xg1432YY9_QJ:www.ciencialit.letras.ufri.br/encontro/IOLANDA%2520CRISTINA%2520DOS%2520SANTOS%2520-%2520MEM%25D3RIA%2520E%2520CONTEMPLA%25C7%25C3O%2520EM%2520A%2520T.d oc+terceira+margem+do+rio+Iolanda+Cristina&hl=it&ct=clnk&cd=1&gl=it))

**Helena Sut:** *A terceira margem do rio – Guimaraes Rosa*

(<http://recantodasletras.uol.com.br/resenhas/22556>)

**Senza autore:** *João Guimarães Rosa-Feiticeiro das palavras, cabloco universal*

( [www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/guimaraesrosa/index.htm](http://www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/guimaraesrosa/index.htm))

**Senza autore:** *A terceira margem do rio (Conto de Primeiras estórias), de Guimarães Rosa*

([http://www.passeiweb.com/na\\_ponta\\_lingua/livros/analises\\_completas/a/a\\_terceira\\_margem\\_do\\_rio\\_conto](http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/analises_completas/a/a_terceira_margem_do_rio_conto))